

Varinhas, Memória e Resistência afroindígena na ilha de Mosqueiro¹

Renato Vieira De Souza² (UFPA)

Varinhas bordadas ou varinhas do amor é o nome de um símbolo da cultura material presente fortemente na memória dos moradores da ilha de Mosqueiro em Belém-Pará. Isso ainda permanece vivo como um artesanato desde um tempo em que as visitas à ilha só se davam de navio, precisamente até 1975, ano da inauguração da ponte que a liga ao continente. Ao buscar no tempo informações sobre essa tradição material, chega-se a uma gama de experiências que caracterizam um fenômeno local de massa, marcante para inúmeras famílias que viveram o tempo áureo desse souvenir produzido para venda no mês de julho e durante as festas de santo que permanecem vivas na vivência de bordadeiras - mulheres que ainda produzem e vendem varinhas. O que à princípio poderia tratar-se de, tão somente, um fenômeno estético, ganhou contornos cada vez mais antropológicos devido a seu impacto na vida desses sujeitos. A análise de narrativas orais e memórias dos depoentes mais antigos constitui o itinerário investigativo cujos traços de resistência diante da ordem colonial pós-moderna, são bastante nítidos. A discussão tem apoio no pensamento pós-colonial e decolonial onde percebe-se tentativas de resistência cultural em experiências vivenciais.

Varinhas; memória; resistência.

Conhecendo a tradição em Mosqueiro

Foi numa manhã de setembro do ano de 2009 que decidi desbravar as histórias que ouvia enquanto ministrava aulas de Artes na Rede Pública Municipal de Belém no distrito da ilha de Mosqueiro. Os alunos da comunidade do Caruarú – um povoado ribeirinho localizado no interior da ilha – haviam me falado de saberes e práticas artesanais que despertavam a atenção de qualquer visitante. Naquela oportunidade fui bem cedo até ao bairro do Maracajá onde fica o *porto Pelé* de onde saem as pequenas canoas motorizadas chamadas *rabetas* rumo ao interior da ilha. Portando uma mochila com alguns pertences necessários para uns dois dias na floresta, embarquei rumo ao pequeno vilarejo, viagem que leva em média uns quarenta minutos cruzando furos e igarapés característicos da região amazônica. Chegando a comunidade me surpreendi com a riqueza de enfeites nas casas simples, obra de artesãos e mestres em carpintaria, famílias que constituem ainda hoje, grande parte do povoado. Pouco sabia daquele lugar que com o tempo mostrou-se um campo aberto para a investigação científica. Durante o tempo em que fiquei na comunidade pude conhecer muitas espécies nativas usadas na carpintaria, confecção de objetos decorativos como colares, anéis e pulseiras, bem como ervas medicinais; produtos da flora que as populações

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Doutorando em antropologia e professor da Rede Municipal de Belém PA

ribeirinhas da Amazônia em geral dependem para sobreviver. Foi assim meu primeiro contato com um objeto de madeira denominado “varinha do amor”; um símbolo do passado que algumas poucas mulheres mostravam orgulho e desejo de manter de pé por ser o que elas mesmas denominavam “nossa cultura”. À princípio pensei tratar-se de um artesanato como tantos outros vendidos aos turistas que visitam a comunidade do Caruarú periodicamente, pensamento que continua sendo comum a qualquer indivíduo leigo e desconhecedor das particularidades deste objeto material. Mas as histórias em torno dessas varinhas e a grande quantidade de testemunhas que não se reduziam aos moradores da comunidade formataram meu primeiro estímulo à pesquisa que posteriormente resultou em um intenso processo de investigação que transcendeu a experiência estética.

Para compreender melhor o que envolve essas varinhas, devo referir-me aos relatos desses sujeitos do Caruarú e do tempo em que turistas chegavam de navio ao trapiche da ilha de Mosqueiro, sendo ali recepcionados com objetos de madeira decorados com desenhos geométricos, vendidos como souvenir; as varinhas simbolizam o passado, e estão bastante relacionadas com o conceito de tradição local que ao longo dos anos tem sido uma plataforma de discussão decolonial. Há um sentimento na fala de quem ainda confecciona varinhas: uma nítida preocupação com o seu desaparecimento como se isso representasse o fim de sua própria história.

Mas afinal, o que são essas varinhas e para que servem? São seções de madeira em formatos retilíneos com diâmetro regular variando de 0,7 cm a 3,0 cm e com extensão longitudinal de até mais de 1,00 m (Fig. 01). As figuras são geométricas com várias opções de decoração sujeitas a quem as confecciona. A finalidade remota delas é ainda desconhecida, mas há pelo menos sessenta anos elas têm sido vendidas como lembrança de Mosqueiro, símbolo de afeto e instrumento de conquista amorosa, daí terem se popularizado em Soure como “varinha da conquista” e em Mosqueiro como “varinha do amor”. No caso das varinhas “bordadas” – assim designadas pelas mulheres³ – é um termo fundado na experiência local, referindo-se à técnica de gravar figuras no vegetal com lâmina (fig. 02). Em Mosqueiro esse costume foi bastante popular até esmaecer após 1975 (isso com a construção da ponte de acesso ao continente e o conseqüente fim das viagens regulares de navio).

³ A técnica da *gravura* consiste em incisões na casca da madeira que uma vez retirada, produz os desenhos geométricos.

Fig. 01 – Exemplar típico da varinha do amor



Acervo do autor, 2011.

Fig. 02 – Processo de construção dos desenhos das varinhas na comunidade do Caruarú em Mosqueiro com o detalhe da lâmina utilizada na composição das linhas.



Acervo do autor, 2011.

Essas varinhas têm laço estreito com a floresta por serem troncos de arbustos de várias espécies como a “tapiririca” ou a “canela-de-vidro” que crescem à sombra das árvores maiores. Os vegetais somem na medida em que a vegetação densa desaparece, sendo o desmatamento um dos maiores motivos para o desaparecimento do artesanato na região urbana da ilha.

As narrativas obtidas nessa pesquisa produzem um material rico em histórias de vida e memórias que nunca antes foram registradas numa pesquisa sobre a história da ilha de Mosqueiro. Além disso, na medida em que surgem informações novas, abrem-se caminhos diferentes que revelam particularidades de um grupo sujeito a intensos fluxos e negociações no contato com a modernidade. Diante destas posições

preliminares, pretendo fazer uma ponte com os pensadores decoloniais que dão suporte a uma análise dos processos de luta e resistência evidentes em Mosqueiro.

Memórias do Passado e Resistência no Presente

De volta à comunidade em 2016, portanto, sete anos passados desde o primeiro contato com os moradores do Caruarú, notei que as mudanças foram muitas. O fomento à sustentabilidade patrocinado pela gestão municipal desapareceu, juntamente com o projeto de formar novas gerações pelo viés da Educação Ambiental no seio escolar. Também não há mais a trilha ecológica, nem a variedade de produtos artesanais e outros saberes gerados a partir da preservação da floresta. Esta, por sua vez, sofreu com o avanço do desmatamento em nome da sobrevivência da própria comunidade que afirma não ter escolha diante da realidade que lhes é imposta por todos os lados. Ainda assim, há os que lutam pela tradição dos antepassados, mesmo que essa luta se constitua num símbolo de resistência que em algumas situações se desvincula até mesmo da necessidade econômica. O contato com a comunidade é constante e se intensificou desde 2018 (Fig. 03) no intuito de se perceber dinâmicas que somente a etnografia tem o poder de detectar.

Fig. 03 – Vista da Comunidade do Caruarú



Acervo do autor, 2018

A comunidade é um local pitoresco, atraente para visitantes e que retém costumes antigos, notados no ritmo ora cadenciado, ora repentino da vida. Grupos

surgem e desaparecem vindo de algum lugar e indo para outro, rumo ao rio ou às casas de alvenaria e madeira. As manhãs parecem mais longas e o contato com a floresta dá a impressão de que o tempo não passou. A ilustração disso se constitui etnograficamente nas falas dos sujeitos e suas próprias percepções (ZENOBI, 2010). Tanto o presente quanto o passado tem muito a nos dizer por meio desses entes sociais que vivem ou viveram em pleno contato com a cultura local.

Portanto, haverá sempre espaço para falar de histórias não oficiais que remontam olhares distintos e reveladores da realidade. Abro um parêntese em meio às narrativas da comunidade para citar dona Oscarina, oitenta e quatro anos, bordadeira veterana do Maracajá, bairro de Mosqueiro, distante 40 minutos do Caruarú. Hoje ela não tem mais condições de bordar e vive com sérios problemas devido a um AVC (Acidente Vascular Cerebral). Mas em entrevista concedida em 2010 quando ainda era lúcida, forneceu importantes pistas para a compreensão da experiência como artesã, bem como a origem e finalidade das varinhas:

Era pra passeio! Nós fazíamos de vinte a trinta varinhas por dia lá na ponte. Nós saíamos de tardinha pra tirar a vara, nesse tempo tinha o campo do Botafogo que chamavam, nesse campo tinha muita vara... aí pra estrada tinha muita mata! Nesse tempo tinha o navio que encostava na ponte de tardinha e todo mundo comprava por Cr\$ 0,20 centavos. Não foi só uma que fez, foi uma passando pra outra. Aí pro Maracajá tinha gente que fazia que só! Eram mais espertos! ...faziam muito...exposição nunca teve, nunca teve representação, nunca fizeram nada pra saber como era que fazia o trabalho da gente. Só esse pessoal de fora, sempre quando vinham, eles pegavam e perguntavam como era pra fazer.(. . .) Às vezes mandavam fazer umas grossonas, mas tudo bordadinha. Todo desenho a gente fazia. Nós sabíamos todos... já não era preciso se preocupar por desenho que a gente inventava da cabeça da gente mesmo...e surgiu aqui mesmo! (. . .) Nesse tempo aqui no Mosqueiro era uma pobreza danada, tudo o que entrava era lucro e a gente fazia isso que era pra ter um lucrozinho que não tinha (entrevista).

O relato acima é sustentado na fala de outras mulheres que viveram o auge dessa tradição. No depoimento de dona Oscarina descreve-se a memória de um tempo passado em que se constituem os “modelos narrativos de experiência” (SARLO, 2007, p. 99) e o trauma dos obstáculos à lembrança ao mencionar “... exposição nunca teve, nunca teve representação, nunca fizeram nada pra saber como era o trabalho da gente.” Está aí não só um lamento com o crônico descaso para com a tradição de bordar, mas sobretudo a indiferença ao que ela apresenta como um traço da sua própria história, sua identidade, que por assim ser, ainda sobrevive ao tempo e à indiferença. Aparece nesse relato o estímulo de *criar desenho da cabeça* para a venda, uma vez que o objetivo era

lucrar com o comércio das varinhas. O ato de criar é atributo da experiência subjetiva que norteia o artista. Muitas(os) moradoras(es) faziam isso e sem perceber construíram uma história em torno desse objeto da cultura material que disseminou memórias entre diversas famílias. Dentre esses depoimentos, há os que não se identificam com receio de serem hostilizados. São pessoas insatisfeitas com o desmatamento e que veem as varinhas como um símbolo de oposição ao atual governo municipal:

...seria bom se as coisas antigas continuassem porque hoje os aparelhos estão tomando conta; mas as tradições devem se manter. Eu fazia varinha quando era novo; na época os barcos vinham de Belém e do Marajó. Era tudo à vela naquele tempo e desembarcavam no trapiche, aí vinham comprar varinha pra passear. Aqui não tinha asfalto não. Era tudo terra! (anônimo)

O depoente anônimo acima é do sexo masculino, tem sessenta e quatro anos, mora no Maracajá, bairro de antigos moradores, e sua entrevista foi concedida em 2020. É apenas um dos inúmeros relatos semelhantes identificados na pesquisa que demonstram os anseios atuais, bem como as memórias que se harmonizam como um só discurso. O depoente, porém é o único que critica os *aparelhos*, referindo-se às gerações dos *smartphones* que se tornaram parte da vida contemporânea. Na fala ele defende que as tradições coexistam com a tecnologia e não que esta sufoque as demais, pensamento coerente com outros depoentes.

Além de comercializar varinhas como lembrança da ilha, percebe-se que a tradição tinha um nítido ar de celebração da cultura, além de um forte vínculo com os geometrismos rústicos que remetem às memórias de suas mães, famílias e vizinhança em geral que retiravam esses vegetais da mata. Esse processo é responsável pela memória que não se restringe às bordadeiras, visto que por relacionar a tradição dessas varinhas a uma coletividade economicamente carente, teria pouco crédito. Essas falas se entremeiam com o conceito de cultura onde símbolos se manifestam por meio de valores e significados (SAHLINS, 1997) e se diferem do conceito hegemônico como processo de refinar conhecimento, especialidades, ideias, gostos e crenças diante do contato com outras pessoas ou com livros e obras de arte (RADCLIFFE-BROWN, 2013). Identidade nem sempre se refere a uma expressão coletiva ou um saber por todos apreendido. Pode ser uma invenção que ganhou adeptos e que teve continuidade durante muito tempo. Isso não quer dizer *negar* processos de luta dessas populações em favor de valores simbólicos como a *memória* que pode ser entendida aqui como continuidade adaptada ao esquema cultural vigente. Do contrário, a tendência pode ser sempre o

lamento sobre a perda de tradições culturais que se expressam em nostalgia. O que vale realmente é dar ouvidos e registrar estas versões da história antes não registradas e que revelam tensões, resistência à dominação dos produtos da tecnologia e a luta pela continuidade das tradições.

Essa perspectiva da resistência aparece na fala da bordadeira a seguir: a valorização da prática do artesanato expressa por Leila do Socorro, 48 anos, casada, pedagoga, mãe de três homens e três mulheres ao se referir às varinhas que ela mesma borda:

Pra muitas pessoas isso aqui é nada... é como uma vez jogaram até na cara...porque o meu material foi roubado sabe, aqui mesmo. Aí eu fui... procurar saber, disseram assim mesmo pra mim:” Por que ela está fazendo caso de uma porcaria que aqui no mato a gente vai lá e pega?” Mas não sabe o valor que tem! Foi assim mesmo: “Uma porcaria!” (risos) Ah Deus, misericórdia desse povo![...] O inimigo não é tanto o desmatamento sabe? Eu acho que são as pessoas da localidade mesmo... é que pra gente tem um valor, mas pra outras, até pessoas mesmo da comunidade é uma...não é nada! Sabe? É ali um pauzinho que se tira lá do mato e pra eles não tem nenhum significado, nenhum valor. (entrevista)

Na comunidade ela é a bordadeira que permanece ativa na prática de produzir varinhas e demonstra a sua insatisfação diante da indiferença de algumas pessoas pelo seu trabalho. Aponta indivíduos da própria comunidade como responsáveis pela desconstrução de um símbolo cultural. A interlocutora demonstra receio de que tudo se acabe e que tenha que se conformar com isso, daí sua luta pela continuidade das varinhas do amor. O sentimento de Leila do Socorro (como prefere ser chamada) é legítimo e tem seus adeptos. Atualmente algumas jovens da comunidade vêm adquirindo apreço pelas varinhas e podem se tornar bordadeiras em algum momento. Entretanto, em meio a tudo isso é bom que se traga à memória o que Sahlins afirma sobre cultura, que não é apenas um demarcador de diferenças, capaz de reduzir povos periféricos ao seu espaço subalterno, mas aquela que “se renova e se modifica” no contato com novas experiências (1997, p. 46). Mudanças sempre foram parte do processo de construção da cultura e essa construção de significados continuará acontecendo, dependendo apenas da livre escolha. Se a produção de varinhas voltar a ter muitos atores sociais se tornando coletiva, então se configura uma experiência capaz de se reproduzir no tempo e no espaço, mas não se pode afirmar que isso irá sempre ocorrer.

Leila do Socorro é professora do ensino fundamental e toma para si a responsabilidade que herdou da mãe: o amor à tradição de bordar varinhas; ela tem sido

a maior representante no Caruarú desde o falecimento da genitora em 2012. A bordadeira também demonstra ser consciente dos problemas da comunidade e quando questionada sobre o que as varinhas do amor representam para ela, responde sem hesitar:

Identidade! Identidade mosqueirense! Pra mim a varinha é a identidade de Mosqueiro! Pela história que eu já ouvi contar, pela minha mãe que aquela história de que as pessoas chegavam em Mosqueiro e essa varinha identificava como elas tinham estado em Mosqueiro. Se elas não retornassem com essa varinha... pra outra cidade, pra sua cidade e não levasse a varinha...ela não tinha passado em Mosqueiro, era mesmo que nada! ...De palavra não valia! Se ela falasse assim “olha, eu tive em Mosqueiro!” de boca, de palavra... não, mas ela tinha que levar essa varinha pra...identificar mesmo que ela esteve em Mosqueiro. [...] Eu já fui tomar conhecimento já e me interessar...a fazer, a ta trabalhando com esse artesanato, acho que em 2002...quando eu comecei a trabalhar com a varinha, eu comecei a varinha a fazer os desenhos na varinha a partir de 2002, que eu comecei a trabalhar direto. [...] Tem umas que ...poucas pessoas já pegaram, já tão confeccionando, já trabalhando também com a varinha. Mas não todos os desenhos, alguns, os mais fáceis. Eu com a mamãe nós já estamos já diretamente comercializando. [...] Sempre chegam pessoas aqui na comunidade eles procuram essas varinhas, então eu acho que quando elas chegam até a comunidade e procuram pelas varinhas que é a identidade de Mosqueiro... depois já fazem a divulgação. E assim ta mais sendo procurada essas varinhas pelo trabalho de faculdade! Pesquisa! Porque isso aqui ta já sendo um instrumento de pesquisa. (entrevista)

Ao falar de identidade, Leila apresenta um conceito particular, baseado no legado da mãe: em um lugar distante daqui, onde quer que seja e estando lá, a varinha bordada representará a cultura de Mosqueiro. Essa particularidade significa afirmar que a varinha bordada em outro tempo, era *a prova cabal* que sustentava a expressão “eu estive lá”. Aqui, a referência à tradição cultural de Mosqueiro que em boa medida foi promovida desde a infância no convívio com a mãe. Leila revelou antes que só começou a bordar em 2002 e o comentário de que há outros adeptos do fenômeno na comunidade não revela a relação conflituosa existente (onde poucas pessoas realmente querem aprender a bordar).

Pelo que se pode perceber até aqui, as discussões em torno de *varinhas*, *memória e tradição* que intitulam este artigo, estão inclusas na percepção do que é *cultura* para este grupo. Entretanto, a noção de cultura hermética e inflexível não tem aplicabilidade neste estudo, visto que aqui cultura é ato de resignificação no intuito de direcionar formas e saberes (WAGNER, 2010). Esta cultura, como já disse, é um processo dinâmico a partir do contato com outros símbolos e o fato de um grupo se modernizar e adquirir traços distintos de uma tradição passada não significa perda de

uma identidade cultural visto que esta é subordinada à vontade humana e somente por meio dela terá sentido tanto sua existência quanto sua continuidade (CARNEIRO DA CUNHA, 2016). A identidade, na verdade, assumirá outras características, mas não deixará de ser identidade.

Varinhas como Ação Política de Resistência

A produção de varinhas, apesar de ser uma tradição coletiva e não restrita às mulheres, sempre foram identificadas como suas protagonistas, pois no passado as atividades que exigiam maior esforço físico como a caça e a pesca, se configuravam como trabalho masculino. Essa posição oriunda do patriarcado que marca a mulher como um ser subalterno, desprovido de força e papel social significativo é criticada por Zuleika Alambert (2004) ao que chama de *preconceito*. Os argumentos de que a mulher, devido à sua condição biológica, está fadada a ser dona-de-casa e cuidar dos filhos, foram destituídos diante do confronto com as teorias deterministas (BOAS, 2010) e o avanço feminista na modernidade se posicionou contra discursos que subalternizam o papel da mulher na construção das sociedades. Nessa perspectiva, a mulher, assim como negros, índios, homossexuais e outros grupos minoritários, têm importância na configuração do novo paradigma que exclui a intolerância protagonizada por epistemologias hegemônicas que fizeram a história ao seu modo:

Não podemos esquecer que os homens, como transmissores tradicionais da cultura na sociedade, incluindo o registro histórico, veicularam aquilo que consideravam e julgavam importante. Na medida em que as atividades femininas se diferenciavam das suas, elas foram consideradas sem significação e até indignas de menção (ALAMBERT, 2004, p.74).

A reafirmação desse paradigma explica em boa medida o porquê das varinhas nunca terem sido mencionadas como fenômeno da cultura visual nos livros de arte e história amazônica. A revisão da história das mentalidades, que marca o cotidiano, o individual e o privado, colocou em xeque o papel preponderante dos modos de vida na sociedade, protagonizados pela mulher. A partir desse e de outros argumentos decisivos, não há mais espaço para uma visão reduzida e mascarada da mulher na sociedade.

Chega-se a essa categorização por entender-se que há muito tempo existe uma apreensão da ideia de cultura e que a partir dessa percepção torna-se nítido o que é cultura para eles. Na região urbana de Mosqueiro há relatos advindos da memória dos

moradores. Conhecendo melhor a história desses indivíduos e seus depoimentos do passado, foi possível chegar a outras famílias envolvidas nos bordados. Por fim, percebeu-se que esse trajeto tinha sido não só de uma, nem de duas, mas de muitas famílias, tantas que não seria mais possível entender a tradição como um costume pontual, herdado de moradores originários da região (como é hoje em Soure, no Marajó), mas sim como uma expressão coletiva, repleta de testemunhas, pertinente ao que a antropologia hermenêutica chama de sistema (GEERTZ, 1997). Porém, a memória coletiva, segundo Maurice Halbwachs teria um tempo de duração restrito à existência dessas testemunhas. Diferentemente da História, a memória coletiva “é o grupo visto de dentro” (1990, p.109) e por um período marcado; assim, torna-se indispensável investigar esse fenômeno internamente, percebendo transformações resultantes de mecanismos de imposição, mediações e tradução cultural onde fluxos de diferentes matrizes interagem e trazem novos significados ao que antes possuía características próprias, fundadas na expressão de identidade. Mais que isso, também se fundamenta a discussão no que é *tradição* para essas pessoas, que está além de preservar seu passado e sua história.

Importa dizer que as tradições carregam gamas de saberes de cunho simbólico que sustentam a experiência empírica. Os trabalhos manuais de uma cultura local como esta não são valiosos por sua resistência comprovada diante de muitas intempéries promovidas, inclusive, por correlatos sistemas culturais (GEERTZ, 2006). Além da resistência que descreve a cultura como escapando da extinção e com ela todo um símbolo cultural, há uma questão política inexorável que sempre representou ao menos uma parte da comunidade. Isso indica que o que se busca no desenvolvimento da pesquisa não se resume às tensões geradas nos instrumentos de opressão internos e externos contidos numa análise decolonialista, mas sua relação coletiva que visa o equilíbrio e direito a vida de um grupo. Fazendo um paralelo com o que se percebe em Mosqueiro, é interessante o que Frantz Fanon menciona ao discutir todo o sistema de opressão vivido nas possessões norte-americanas e europeias ao redor do mundo até a segunda metade do século XX. Em sua análise crítica, onde situa o mundo dividido entre o colonizador e o colonizado, negros, índios e mestiços constituem grupos mal afamados e sem importância no tecido social. A realidade observada indica que “o que retalha o mundo é antes de mais nada o fato de pertencer ou não a tal espécie, a tal raça” (p.29) e isso implica, logicamente, em uma reação desses grupos.

O pensamento decolonial vem sendo desenvolvido por outros autores de diversas correntes que investigam relações de poder na América Latina como Catherine Walsh (2009) que se inspira em Fanon ao afirmar que a nova etapa do projeto de expansão dos mecanismos globais está na recolonização dos povos desumanizados. Há um consenso de que decolonialidade deve ser uma categoria voltada ao profundo questionamento das diferentes formas de opressão impostas na modernidade contra grupos marginalizados em regiões como a Amazônia, nas dimensões de sua existência, inclusive na formação do pensamento crítico. Mota Neto (2015), em sua tese sobre *Pensamento Decolonial*, diz tratar-se de uma concepção...

...marcada por uma busca persistente pela autonomia, o que só pode ser entendida se tivermos em conta que a decolonialidade tem sido elaborada a partir das ruínas, das feridas, das fendas provocadas pela situação colonial. Portanto, é a partir da dor existencial, da negação de direitos (inclusive os mais elementares como o direito à vida), da submissão de corpos e formas de pensamento, (. . .) que nasce a concepção decolonial.” (p. 49)

A autonomia de populações locais é um entrave histórico para os representantes do poder hegemônico e para eles não há problema algum se a emancipação desses grupos humanos permanecer no papel. O espírito dominador que destituiu os cabanos do poder na primeira metade do século XIX continua vivo. Para desconforto destes, o espírito dos cabanos também resiste, mesmo sendo um elemento passivo, vitimado pela exclusão e descaso sistêmico que ecoa nos traços afroindígenas⁴ familiares das cosmologias marajoaras (PACHECO, 2010). Olhando para os relatos do presente e comparando-os com Fanon e Walsh, conclui-se que a luta por direitos que institui o decolonialismo está muito presente na agenda atual.

Tanto o pós-colonialismo quanto o pós-ocidentalismo são discursos importantes para uma mudança na produção teórica e intelectual que é conceituada como “gnose liminar” por Walter Mignolo (2005) ligada à “subalternidade” e à “razão subalterna” voltando a atenção aos loci pós-coloniais de enunciação como formação discursiva emergente e forma de articulação da racionalidade subalterna. A reflexão crítica sobre a diversidade deve ser um projeto universal. Para isso “sugiro que a razão subalterna seja entendida como um conjunto diverso de práticas teóricas emergindo dos

⁴ Termo cunhado pelo professor e historiador Agenor Sarraf Pacheco em sua obra *En El Corazón de La Amazonía: identidades, saberes e religiosidades no Regime das Águas Marajoaras* onde faz referência ao resultado do entrecruzamento de duas etnias, originando o povo predominante no cenário da Amazônia Marajoara.

e respondendo aos legados coloniais na interseção da história euro-americana moderna.” (MIGNOLO, p.139).

Esse processo, cujo norte é o estudo da tradição das varinhas em Mosqueiro, tem em seu âmago a coexistência de valores da cultura tradicional e as demais que, ao que tudo indica, só podem se manter na perspectiva da implementação de uma consciência crítica e militante na reivindicação de direitos. Como se falou antes, esse grupo viveu um tempo em que cultura e conscientização andavam juntas devido a Políticas Públicas adequadas ao desenvolvimento de uma racionalidade sustentável que deixou marcas que ainda estão vivas. Como proposta de resistência aos paradigmas sistêmicos, abordagens criativas são muito válidas quando se prestem a resolver problemas de interesse da comunidade, dando sustentação a práticas sociais ajustadas, embora reste um caminho a ser percorrido para que o binômio cultura local-emancipação seja formado plenamente no seio das comunidades em Mosqueiro.

Considerações Finais

Diante das falas dos atores sociais podemos considerar alguns conceitos de cultura adequados. O mais evidente na visão dos moradores do Caruarú estaria relacionado com a ideia de *perda*, principalmente a interlocutora Leila do Socorro que sente as varinhas desaparecendo, embora a memória do passado e o sentido de símbolo cultural se mantenham vivos. Dona Oscarina, por sua vez, se referia a uma indiferença histórica com a tradição coletiva de bordar varinhas que além do distanciamento das novas gerações para com um importante elemento da sua cultura, revela a ausência de políticas públicas que visibilizem a tradição. Essa ideia se aproxima de Marshall Sahlins (1997), que apresenta cultura como fenômeno dinâmico em contato com diferenças, adquirindo elementos novos e, sendo até mesmo, substituída por outro paradigma totalmente distinto.

Obviamente que falar de cultura material é adentrar em um universo de reflexões relativamente recentes na Antropologia e nesse contexto há uma série de argumentos que servem para a ponderação. A materialidade está presente na nossa vida desde sempre e não há dúvidas de que trecos e coisas nos movem e nos orientam tornando-nos “característicos de nossa própria sociedade” (MILLER, 2013, p. 82). Arelado às características de grupo está o conceito de cultura fundado na alma que orienta os sentidos e que tem nas dimensões próprias da existência o seu significado

(VIVEIROS DE CASTRO, 2004). Esse parece ser o caso das varinhas que não só se destacam por sua decoração, formato e identificação tanto para com os que as produzem quanto para os que as consomem como lembrança de Mosqueiro, mas por sua influência simbólica na memória do passado e na continuidade do presente. Ao mesmo tempo em que essas expressões da cultura material se manifestam, os indivíduos procuram interagir com outras linguagens ou manifestações culturais da modernidade. Com tudo o que se investigou até o momento, sabe-se que se trata de uma manifestação predominantemente feminina, sendo este artesanato produzido pelas intituladas *bordadeiras* onde um processo dinâmico de memorização é constituído de subjetivação⁵ (DIEHL, 2002) e responsável pela memória viva a partir da cultura afroindígena.

Essas discussões mostram exatamente esses fluxos culturais que transformam uma cultura produzindo elementos de um novo paradigma, não importando qual seja sua configuração. A luta para que uma tradição não seja sufocada por outros valores está descrita nas falas das duas mulheres aqui descritas e apresenta um dos principais discursos do decolonialismo, visto que a falta de visibilidade de um fenômeno cultural via indiferença histórica é factual. Em contrapartida, os elementos hegemônicos estão vivos e expostos no turismo: as praias, as opções de lazer e as comidas típicas marcam território como em qualquer outro ambiente contemporâneo que tem sido continuamente hostil com práticas e saberes tradicionais.

Do ponto de vista dos estudos decoloniais, modelos etnocêntricos, como já dito, precisam ser questionados. Na era cibernética onde os pluralismos se evidenciam em múltiplos formatos – entre eles, os *smartphones* aqui brevemente citados – já não cabe tanto espaço para um só grupo de privilegiados e sua hegemonia cultural. O espírito guerreiro dos cabanos ainda resiste há quase duzentos anos e se reestrutura à sua maneira, mesmo que alguns elementos se transformem ou desapareçam. As varinhas são mesmo um símbolo dessa resistência local, constituída de memória e história com grande aceção para aqueles que obtiveram contato com ela. É um símbolo do amor e também um signo que está nas raízes do passado distante das etnias afroindígenas que construíram e mantêm viva sua história.

⁵ Astor Diehl ao falar de subjetivação está se referindo à experiência poética que a memória produz com o passar do tempo e que é descrita pelos sujeitos.

Referências

- ALAMBERT, Zuleika. *A história da mulher. A mulher na história*. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira/FAP; Abaré, 2004.
- ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da história*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- CABRAL, M. Sobre el ronquido del hacha y otras cosas extrañas: Reflexiones sobre la arqueología y otros modos de conocimiento. In Pellini, J.J.; Zarankin, A. & Salerno, M.A. (ed.) *Sentidos indisciplinados: Arqueología, Sensorialidad y Narrativas Alternativas*. JAS Arqueología S.L.U., Madrid, 221-250, 2014.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. CESARINO, Pedro de Niemeyer. *Políticas Culturais e Povos Indígenas*. São Paulo: UNESP, 2016.
- DIEHL, Astor Antônio. *Memória e identidade: perspectiva para a história*. In: *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru, SP: Edusc, 2002.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1989.
- _____. *O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- GELL, Alfred. *A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia*. *Concinnitas*, 8(1): 42-63, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- INGOLD, T. The temporality of landscape. *World Archaeology*. Vol. 25 (2): 152-174.
- LATOUR, Bruno. Where are the missing masses? The sociology of a few mundane artifacts. In CANDLIN, F. GUINS, R. (ed.) *The object reader*. Routledge, 2009, pp. 209-254.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- MOTA NETO, João Carlos da. *Educação popular e pensamento decolonial latino americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda*. 2015. Tese (Doutorado em Educação). Belém: UFPA/ICED/PPGED, 2015.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes, 2013

SAHLINS, M. “*O pessimismo sentimental*” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I e II). *Mana*, vol. 3, nº1 e 2, p.41-150. 1997.

SCHAAN, Denise Pahl. *A linguagem iconográfica da cerâmica marajoara*. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

SULLIVAN, P. “*Introduction: culture without cultures – the culture effect*”. *The Australian journal of anthropology*. 17: 253-264. 2006.

VAN VELTHEM, Lúcia H. Farinha, casas de farinha e objetos familiares em Cruzeiro do Sul (AC). *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, 50(2). 605-631, 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “*Perspectival anthropology and the method of controlled equivocation*” In: *Tipiti: journal of the society for the anthropology of lowland South América* 2(1): 3-22. 2004.

WAGNER, Roy. *The invention of culture*. New Jersey: Prentice-hall, cap. 1-3. Cosacnaify, 2010.

WALSH, Catherine. *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Disponível em: <https://docslide.com.br/documents/walsh-catherine-interculturalidade-critica-e-pedagogia-decolonial.html> 2009.

Depoimentos Orais

Leila do Socorro Araújo Cunha. Mosqueiro, nov. 2009 a jul. 2020.

Oscarina Silva Pires. Mosqueiro, dez. 2010 a mai 2011.